



classica

Classica - Revista Brasileira de Estudos

Clássicos

ISSN: 0103-4316

revistaclassica@classica.org.br

Sociedade Brasileira de Estudos

Clássicos

Brasil

Werner, Christian; Couto Pereira, Luiz Guilherme

VIDA HERODOTEANA DE HOMERO: APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO

Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos, vol. 27, núm. 2, 2014, pp. 271-292

Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos

Belo Horizonte, Brasil

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=601770910016>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc



Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

VIDA HERODOTEANA DE HOMERO: APRESENTAÇÃO E TRADUÇÃO

Christian Werner*
Luiz Guilherme Couto Pereira**

* Professor Livre Docente
de Língua e Literatura
Grega da Universidade de
São Paulo
Email: crwerner@usp.br

** Graduado em Letras-
Grego pela Universidade
de São Paulo.
Email: luiz.guilherme.
pereira@usp.br

RESUMO: apresenta-se brevemente, focando-se a constituição da tradição biográfica em torno de Homero no período arcaico, e traduz-se para o português a *Vida herodoteana de Homero*

PALAVRAS-CHAVE: Homero; biografia; *Vida Herodoteana*; Recepção.

THE HERODOTEAN LIFE OF HOMER: INTRODUCTION AND PORTUGUESE TRANSLATION

ABSTRACT: *The Herodotean life of Homer* is here given a translation in Portuguese and offered an introduction focusing on the constitution of the biographical traditions around Homer in Archaic Greece.

KEYWORDS: Homer; biografia; *Vita Herodotea*; Reception.

APRESENTAÇÃO

Sete cidades queriam ser seu lugar de nascença;
agora o lobo o rasgou, e cada uma tem seu naco.
(J. W. Goethe, *Xênia* 264)

Esse bem humorado epígrama de Goethe debocha do fundador da filologia homérica moderna, Friedrich August Wolf (em alemão, “Wolf” é “lobo”), que defendeu a chocante – para seus contemporâneos, entre os quais Schiller e Goethe – tese de que não só Homero não era o autor dos poemas que foram transmitidos em seu

nome, mas de que esses seriam o resultado da reunião de composições de diversos poetas (Porter: 2011). Dúvidas acerca de Homero, porém, permeiam a tradição exegética e biográfica já na antiguidade, por exemplo, no que diz respeito a seu nome.

Nada impede que “Homero” tenha sido o nome de um indivíduo histórico (Graziosi: 2002, p. 52-54; *contra* West: 1999), mas, desde muito cedo no mundo greco-romano, gerou tradições biográficas conscientemente criadas e recriadas (Graziosi: 2002; Bassino: 2012). Quando Luciano de Samósata, no século II d.C., faz o poeta afirmar ao narrador, entre outras coisas, que não é cego e nasceu na Babilônia, a referência é a histórias bastante antigas com componentes que remontam provavelmente ao período arcaico (*Das narrativas verdadeiras*, II.20):¹

1. Tradução inédita de Lucia Sano a ser publicada em um volume com textos de Luciano de Samósata organizado por Jacyntho L. Brandão para a editora da Universidade Federal de Minas Gerais.

Ainda não haviam decorrido nem dois ou três dias quando me dirigi ao poeta Homero (...) e informei-me entre outras coisas de onde ele era, dizendo-lhe que isso entre nós é ainda agora o mais investigado. Ele declarou que nem ele próprio ignorava que alguns julgavam que ele fosse de Quios, outros de Esmirna e muitos de Cólofon. Disse, entretanto, ser Babilônio e que, junto aos seus concidadãos, não de Homero, mas de Tigranes era chamado, mas que mais tarde tendo se tornado um refém entre gregos, trocou seu nome. Ainda perguntei-lhe acerca dos versos espúrios, se por ele haviam sido escritos. Declarou que todos eram seus. Percebi então a grande tolice dos gramáticos seguidores de Zenódoto e Aristarco. (...) Além disso, eu desejava saber se primeiro havia escrito a *Odisseia*, antes da *Iliada*, como muitos dizem. Ele negou. Que nem cego era, algo que também dizem a seu respeito, eu soube imediatamente, pois o via, de tal forma que não tive necessidade de questionar.

Em *Trabalhos e dias*, poema atribuído pelo menos desde o fim do século VI a.C. a Hesíodo (Cingano: 2009, p. 99), o narrador nos conta como foi vitorioso sobre um outro poeta em Cálquis (*Trabalhos e dias* 650-59):

Pois nunca, com barco, naveguei pelo amplo mar,
exceto de Áulis à Eubeia, onde um dia os aqueus,
esperando no inverno, grande tropa reuniram
para ir da sacra Hélade a Troia belas-mulheres.

Lá eu, atrás de prêmios pelo aguerrido Anfidamas,
até Cálquis cruzei – em profusão esses anunciados
prêmios fixaram os filhos do enérgico –, onde afirmo eu
com um canto ter vencido e trazido trípode orelhuda.
Essa eu mesmo às Musas do Hélicon dediquei
onde no início puseram-me na via do canto soante.
(Werner: 2013, p. 71)

A tradição cedo considerou ser Homero o poeta derrotado, do que testemunha uma outra narrativa biográfica igualmente valiosa de Homero (e Hesíodo), o *Certame entre Homero e Hesíodo* (Graziosi: 2001; Torrano: 2009; Bassino: 2013).

Ao passo que a biografia de Hesíodo foi, pelo menos em parte, controlada por elementos “autobiográficos” contidos nos próprios poemas (Koning: 2010, p. 129-60), como o encontro entre o jovem pastor e as Musas (*Teogonia* 1-34), a situação de Homero é diferente pois nada é, explicitamente, informado pela *Ilíada* e *Odisseia*. Uma exceção é o *Hino homérico a Apolo*, versos 165-73, que, ainda por Tucídides, era atribuído a Homero (*História da guerra do Peloponeso* 3, 104), o que só veio a mudar muito posteriormente (Faulkner: 2011, p. 175-81):

Vamos, que Apolo, junto com Ártemis, seja propício,
e vós todas sede felizes; de mim, também no futuro,
lembrai-vos, sempre que algum dos homens terrestres,
estrangeiro muita-provação, ao chegar aqui, perguntar:
“Jovens, quem é, para vós, o mais prazeroso dos cantores
que frequenta aqui, e com quem vós vos mais deleitais?”
Vós todas muito bem respondei em uníssono:
“Um homem cego, e mora na escarpada Quios,
e todas as suas canções, no futuro, serão as melhores.”²

Esse trecho, no qual o narrador do poema, idealmente Homero, se manifesta em primeira pessoa, permite formular-se a hipótese de que faz parte da tradição hexamétrica – e, mais amplamente, da cultura grega arcaica – o vínculo entre um poema transmitido e recebido em certas condições e a autoridade da *persona* ligada a ele. A cegueira é um desses sinais de autoridade, e dela também é vítima o mais famoso cantor-personagem de Homero, o aedo Demódoco da *Odisseia*. Assim, não surpreende que, nos textos biográficos

2. Minha tradução do texto grego de N. J. Richardson (Richardson: 2010).

de Homero que chegaram até nós, todos datados dos períodos romano e bizantino, ecoem elementos dos próprios poemas, ou seja, lugares, personagens e resquícios de suas condições de *performance* e transmissão (Nagy: 2010).

A data da *Vida herodoteana de Homero*, a mais extensa biografia de Homero transmitida, pode ser situada entre 50 e 150 (West: 2003, p. 301). Em que pese a utilização do estilo e dialeto de Heródoto, trata-se de uma imitação (*idem ibidem*). Salta aos olhos do leitor, desde o início, que uma das fontes para a composição da biografia são os próprios poemas, ou seja, algumas personagens da *Iliada* e da *Odisseia* são pensadas como oriundas de fatos da vida de seu compositor (Kelly: 2011, p. 129-30). Assim, Fêmio, o poeta que canta para os pretendentes de Penélope, é aqui o nome do pai adotivo de Homero.

As localidades por onde passa o poeta refletem diferentes tradições sobre seu lugar de nascimento mas também um aspecto importante da vida dos poetas gregos, a de que a regra era serem itinerantes, ou seja, não estarem ligados a um só local de trabalho (Hunter & Rutherford: 2009), o que já se afirma na própria *Odisseia*, poema no qual os aedos também aparecem ligados a um só lugar de atuação (*Odisseia* 17, 382-86):

Quem é que vai ele próprio chamar outro, um estrangeiro,
de outra terra, a não ser que se trate de um demiurgo:
um vidente, um médico, um carpinteiro de madeira,
ou um aedo divino, que com o seu canto nos deleita?
Esses homens são sempre convidados na terra ilimitada.
(Lourenço: 2011, p. 247)

A biografia contém uma série de epigramas que a maioria dos críticos localiza entre os séculos VI e V a.C. (West: 2003, p. 304). Que eles tenham sido absorvidos por tradições biográficas da época clássica que, posteriormente, serviram de base para a presente biografia, é uma possibilidade. Até que ponto tais histórias podem ser traçadas a uma prática – popular – de origem jônica homóloga àquela que alguns propõem para Esopo (Kurke: 2011) ou são criações sofísticas (West: 2003, p. 304), essa é uma discussão que ainda está em aberto.

O que é certo é que muito do modo como a poesia épica, sobretudo heroica, foi conceitualizada durante sua recepção está codificado nas tradições biográficas de Homero, como demonstrado pelo trabalho seminal de Barbara Graziosi (Graziosi: 2002). Ao contrário do que defenderam muitos críticos anteriores, portanto, não se trata de um material inútil. Assim, Homero não é cego nas suas biografias porque Demódoco o é, mas porque a cegueira de um aedo épico corporifica sua dependência da Musa para ver e tornar visível o que só é acessível a ele e a seu público por meio do veículo de comunicação que é a própria *performance* épica.

TRADUÇÃO

A tradução abaixo segue o texto grego estabelecido por Martin. L. West (West 2003); na sua edição, numera a vida em questão como 2.

1] Heródoto de Halicarnasso isto pesquisou sobre a origem, data e vida de Homero, tendo procurado alcançar as conclusões mais exatas.

Quando a antiga Cime eólica estava sendo fundada, nela reuniu-se todo tipo de povo helênico e, entre outros que vieram da Magnésia, Melanopo, filho de Itagenes, filho de Créton; ele não era rico, mas de condição modesta. Esse Menalopo desposou em Cime uma filha de Omires, e da união nasceu-lhe uma filha, à qual deu o nome de Creteida. O próprio Menalopo e sua esposa chegaram ao fim da vida; a filha, porém, confiou a um homem com quem ele tinha estreitas relações, Cleánax, um argivo.

2] Tempo depois, ocorreu da moça unir-se secretamente a um homem e engravidar. No início passou despercebido. Quando Cleánax percebeu, irritou-se com a desgraça, chamou Creteida a sós, acusou-a de enorme crime e acrescentou a vergonha deles perante os cidadãos. Por isso planejou o seguinte acerca dela. Os címeus então colonizavam a parte mais recôndita do Golfo de Hermeios; a cidade por eles colonizada recebeu o nome de Esmirna de Teseu, que desejava erigir um monumento comemorativo homônimo de sua mulher, cujo nome era Esmirna. Teseu

era dos primeiros tessálios fundadores de Cime, descendente de Eumelo filho de Admeto, e era homem de muitos recursos. Lá Cleánax colocou Creteida junto ao beócio Ismêniás, a quem coube ser um dos colonizadores e que por acaso era muito seu amigo.

3] Tempo depois, Creteida, com outras mulheres, saiu para um festival junto ao rio chamado Meles. Estando na época de parir, gerou Homero, que não era cego mas enxergava. E dá à criança o nome de Melesígenes, adotando o nome do rio. Nessa época, Creteida estava com Ismêniás. Tempo depois, partiu e começou a manter a criança e a si mesma com trabalho braçal, aceitando ora o trabalho de um ora de outro. E educou a criança a partir dos meios de que dispunha.

4] Naquele tempo havia alguém em Esmirna chamado Fêmio, que ensinava os meninos a ler e escrever e as letras todas. Ele, vivendo sozinho, contratou Creteida para trabalhar para ele a lá que recebia dos meninos como pagamento. Trabalhava para ele com muito bom comportamento e temperança e muito agradava Fêmio. Por fim, aproximou-se dela tentando convencê-la com discursos a morar com ele, falando muitas coisas com as quais acreditava que a conquistaria; entre elas, acerca do seu menino, que o tornaria seu filho, e que, criado e educado por ele, seria digno de nota, pois viu que o menino era inteligente e bem dotado. Por fim, convenceu-a a fazer isso.

5] O menino tinha boa natureza e, tendo-lhe sido dadas atenção e educação, de pronto começou a se destacar muito em relação aos outros. Tendo, com o tempo, se tornado um homem, não era em nada inferior a Fêmio em conhecimento. Assim, quando Fêmio chegou ao fim da vida, deixou tudo para o menino. Não muito depois também Creteida faleceu. Melesígenes se estabeleceu como professor. Estando por conta própria, foi mais notado por todos, e conquistou a admiração dos nativos e dos estrangeiros que chegavam. Esmirna era um centro comercial, e muito grão era exportado dali, pois era trazido até ela em abundância da região circunvizinha. Portanto os estrangeiros, quando tinham terminado o trabalho, passavam o tempo sentados junto a Melesígenes.

6] Nessa época havia entre eles um Mentes, dono de navio, da região em torno de Leucas, que viajara com seu navio atrás de grãos, um homem educado para aqueles tempos e muito erudito. Ele convenceu Melesígenes a fechar a escola e navegar consigo por um pagamento e todo o necessário, acrescentando que seria bom para ele ver países e cidades enquanto jovem. E me parece que o convenceu sobremodo com isso. De fato, talvez então já pensasse em se dedicar à poesia. Após fechar a escola, ele navegou junto com Mentes. E cada vez que chegava a um lugar informava-se, perguntando. É provável que tenha feito anotações de tudo.

7] Voltando da Etrúria e da Ibéria, chegaram a Ítaca. E ocorreu que Melesígenes adoeceu nos olhos e ficou muito mal. Para que ele fosse tratado, Mentes, que ia navegar para Leucas, deixou-o junto a um grande amigo, Mentor, filho de Alquimo, um itacense, tendo pedido enfaticamente que dele cuidasse. Ao navegar de volta, o pegaria. Mentor cuidou dele com muito zelo pois tinha meios suficientes e gozava de alta reputação entre os itacenses pela justiça e hospitalidade. Lá ocorreu a Melesígenes investigar e informar-se acerca de Odisseu. Os itacenses dizem que, entre eles, nessa época, Melesígenes ficou cego, mas eu afirmo que ficou saudável, vindo a ficar cego depois, em Colofão. E nisso os colofenses concordam comigo.

8] Retornando Mentes de Leucas, aportou em Ítaca e trouxe a bordo Melesígenes. Durante muito tempo navegou com ele. Chegando a Colofão, voltou a acometer-lhe a doença. Sem conseguir vencê-la, lá ficou cego. Vindo cego de Colofão, chegou em Esmirna e nessa situação se dedicou à poesia.

9] Tempo depois, em Esmirna, carente de recursos, decidiu ir a Cime. Atravessando a planície de Hermos, chegou a Fortaleza Nova (“Neonteicos”), uma colônia de Cime, fundada oito anos depois de Cime. Dizem que lá se deparou com um sapateiro e recitou estes versos como seus primeiros (Epígrama 1):

Respeitai quem é carente de hospitalidade e casa,
vós que a elevada cidade de Hera, noiva de olho cheio,
habitais, no sopé mais baixo do Sardene de altas florestas,
bebendo a ambrosíaca água do divino rio,

o Hermos remoinhado, que Zeus imortal gerou.

O monte Sardene está situado acima do rio Hermo e de Fortaleza Nova. O sapateiro era chamado Tíquio (“Fortuito”) e, tendo ouvido seus versos, pensou em receber o homem, pois teve pena de um cego mendicante, e mandou-o ir à sua oficina e afirmou que compartilharia do que lá houvesse; e assim ele foi. Sentado na oficina do sapateiro, onde outros também estavam, declamou-lhes sua poesia, *A expedição de Anfiareu a Tebas*, e os hinos compostos por ele aos deuses, e, também apresentando opiniões sobre o que era dito pelos presentes, causou grande admiração entre quem o escutava.

10] O tempo passava e Melesígenes permanecia em Fortaleza Nova, tirando sustento de sua poesia. Os habitantes de Fortaleza Nova mostravam, ainda na minha época, o espaço onde ele se sentava para declamar seus versos e veneravam muito o lugar. Lá crescia um choupo que havia crescido, dizem eles, desde que Melesígenes até eles veio.

11] Tempo depois, passando por dificuldades e quase não tendo comida, decidiu retornar a Cime para melhorar sua situação. Quando ia por-se a caminho, disse esses versos (Epígrama 2):

Rápido os pés me levem a cidade de homens reverentes;
desses, o coração é benevolente, e a sagacidade, a melhor.

Depois de ter partido de Fortaleza Nova, chegou a Cime, tendo feito o caminho por Larissa, por ser esse o mais fácil. Dizem os habitantes de Cime que compôs para Midas, o rei da Frígia, filho de Górdio, pelo casamento, a pedido de seus parentes, este epígrama, que, ainda hoje, está inscrito em sua estela comemorativa (Epígrama 3):

Enquanto a água fluir e as árvores crescerem altas,
e o sol subir e brilhar, e a lua cintilante,
aqui mesmo ficando sobre túmulo muito pranteado,
anunciarei aos passantes que Midas aqui está sepultado.

12] Sentando-se nos salões dos anciãos em Cime, Melesígenes declamou os poemas por ele mesmo compostos e com seus discursos agradou os ouvintes, que se tornaram

seus admiradores. Tendo percebido que os címeus acolhiam sua poesia e fazendo-se íntimo de seus ouvintes, submeteu-lhes as seguintes palavras, dizendo que, se desejassem patrociná-lo publicamente, faria de sua cidade a mais famosa. Isso agradou quem ouviu, e exortaram-no a ir ao conselho a fim de fazer a solicitação aos conselheiros; eles próprios disseram que colaborariam. Ele foi convencido por eles e, quando o conselho se reuniu, foi ao local e pediu ao encarregado para levá-lo ao conselho. E o encarregado aceitou a tarefa e no momento certo conduziu-o. Melesígenes postou-se e proferiu a fala sobre o patrocínio que proferira nos salões. Tendo falado, saiu e se sentou; 13] e eles deliberaram o que deveriam responder-lhe. O homem que o conduzira era-lhe favorável bem como os conselheiros que o ouviram nos salões, mas diz-se que um dos senhores se opôs a seu pedido, falando entre outras coisas que, se lhes parecesse bom cuidar de *homeroi*, teriam multidão grande e sem valor. Desde então o nome Homero prevaleceu sobre Melesígenes por conta de sua desgraça, pois os címeus chamam os cegos de *homeroi*. Assim, se antes era chamado de Melesígenes, passou a chamar-se Homero, 14] e os estrangeiros o disseminaram quando se lembravam dele. O discurso do dirigente, portanto, concluiu contra o patrocínio de Homero, e de alguma forma isso pareceu bom para o resto do conselho. O líder do conselho foi e sentou-se a seu lado, e contou-lhe os argumentos contrários a seu pedido e o veredito do conselho. Ele, ao ouvir, lamentou e disse os seguintes versos (Epígrama 4):

Zeus-pai, de que destino me fizeste presa
quando, criança, me criaste no colo de mãe respeitada.
Ela a qual um dia, pelo plano de Zeus porta-égide, mrou
o exército de Frícon, ginetes de furiosos cavalos,
mais enérgicos que fogo violento no decidir a batalha,
Esmirna eólica, vizinha do mar, augusta costa,
atravessada pela radiante água do sagrado Meles –
de lá lançando-se as filhas de Zeus, radiante progénie,
quiseram glorificar divino país, cidade de homens;
e eles rejeitaram a sagrada voz, a letra do canto,
por ignorância. Um deles, após sofrer, vai perceber,
esse que planejou minha sina com seus insultos.

O destino que um deus me concedeu quando nasci
suportarei, carregando reveses com espírito resistente,
mas minhas queridas pernas não desejam mais ficar
nas sacras vias de Cime; meu grande ânimo me faz
partir para terra estrangeira, eu, enfraquecido.

3. Como nota Martin West, possível alusão à migração do pai de Hesíodo de Quime para a Beócia; para essa e outras referências abaixo às notas explicativas do autor, cf. sua edição e tradução das biografias (West: 2003).

15] Depois disso, se retirou de Cime para a Focéia, rogando uma praga nos címeus que nenhum poeta digno de nota surgiria nessa terra para enaltecer os címeus.³ Após chegar a Focéia, viveu do mesmo modo, declamando poemas sentado nos salões. Naquele tempo, na Focéia, havia um Testorides que ensinava os meninos a ler e escrever, um homem desonesto. Após observar a composição poética de Homero, conversou com ele e disse estar disposto a recebê-lo, dele cuidar e a ele alimentar, se quisesse copiar as poesias que compusera e, ao compor outras, sempre trazê-las até ele. 16] Tendo ouvido, Homero decidiu que deveria fazer isso, pois estava carente do que era necessário e de cuidados. Passando seu tempo com Testorides, compõe a *Ilíada Menor*, cujo começo é:

Canto Ílion e a Dardânia de bons cavalos,
pela qual muito sofreram os dânaos servos de Ares,

e a chamada *Focaida*, que, dizem os foceios, Homero compôs quando estava entre eles. Depois que Testorides copiou a *Focaida* e tudo o mais com Homero ditando, planejou partir da Focéia, querendo se apropriar da poesia de Homero. Não cuidava mais do mesmo modo de Homero, que lhe proferiu os seguintes versos:

Testorides, embora muita coisa seja inesperada para os mortais,
nada é mais incompreensível que a mente humana.

Testorides então deixou a Focéia rumo a Quios e lá estabeleceu uma escola. Declamando os poemas como sendo dele mesmo, obteve muitos elogios e recebeu benefícios. Quanto a Homero, continuava a viver do mesmo modo na Focéia, tirando seu sustento de sua poesia.

17] Não muito tempo depois, mercadores de Quios aportaram na Focéia. Após ouvir composições de Homero

que tinham ouvido de Testorides muitas vezes em Quios, contaram a Homero que em Quios alguém estava declamando esses versos, um professor de letras, que estava sendo muito elogiado. Homero comprehende que seria Testorides, e desejou de todo o coração ir até Quios. Após descer ao porto, não encontra nenhum navio partindo para Quios, ao passo que alguns homens se preparavam para partir a Eritreia atrás de madeira. Agradava a Homero fazer a viagem passando por Eritreia, então foi até os marinheiros e pediu para ser aceito como passageiro com muitos argumentos encantadores que deveriam persuadi-los. Pareceu-lhes bom aceitá-lo e falaram para embarcar no navio. Então Homero agradeceu-lhes muito, embarcou e, após se sentar, disse os seguintes versos (Epígrama 6):

Ouve, Poseidon, poderoso sacudidor da terra,
guardião de †terra-ampla† e do numinoso Hélicon,
e bom vento e jornada segura proporciona
aos navegantes, que são condutores e senhores de navio.
E conceda, quando ao pé do Minas de pico elevado
eu chegar, que eu ache respeitosos e pios mortais,
e que eu puna o homem que iludi minha mente
e enfureceu Zeus dos Hóspedes e a mesa hospitaleira.

18] Tendo feito boa viagem e chegado a Eritreia, Homero passou uma noite no navio mas no dia seguinte pediu dos marinheiros que algum o conduzisse à cidade, e enviaram um único com ele. Enquanto Homero estava a caminho, quando se deparou com a paisagem acidentada e montanhosa de Eritreia, proferiu os seguintes versos (Epígrama 7):

Augusta Terra que tudo dá, doadora de fortuna que adoça o
juízo,
pois quão fértil és para alguns homens,
mas, para outros, de quem tens raiva, estéril e áspera.

Chegando na cidade dos eritreus, perguntou da navegação para Quios. E quando alguém que já o tinha visto na Foceia se aproximou e o saudou, pediu-lhe que ajudasse a achar um navio para cruzar até Quios. 19] Eis

que não havia nenhum paquete no porto, e conduziu-o aonde os navios de pescadores estavam atracados e de algum modo se deparou com alguns que estavam em vias de navegar a Quios. Então o guia foi até eles pedir que levassem Homero. Eles não responderam e se puseram ao mar. E Homero proferiu os seguintes versos (Epígrama 8):

Marinheiros singrantes, semelhantes no destino odioso
a timoratas gaivotas, levando vida que não se inveja,
respeitai Zeus dos Hóspedes que reina nas alturas,
pois terrível é no futuro o olhar de Zeus se um o ofende.

Após zarparem, veio um vento contrário, e foram levados de volta ao ponto de partida e encontraram Homero ainda sentado na praia. Quando soube que tinham sido trazidos de volta, disse isso (Epígrama 9):

Estrangeiros, vento contrário veio e pegou-vos;
pois agora recebei-me, e haverá para vós uma viagem.

Os pescadores ficaram arrependidos por não o terem aceitado antes e, dizendo que não o deixariam para trás se desejasse navegar com eles, pediram que subisse a bordo. Assim o embarcaram, zarparam e o puseram na península. 20] Os pescadores então se dirigiram a seu trabalho. Homero permaneceu na praia aquela noite, mas, no dia seguinte, ele se pôs a caminho e, após vagar, chegou a esse lugar chamado Pinheiro. Como lá mesmo descansou à noite, caiu sobre ele o fruto do pinheiro que algumas pessoas chamam de estróbilo e outras de pinha. Homero então proferiu os seguintes versos (Epígrama 10):

Um outro pinheiro dá fruto melhor que o teu
nos picos do Ida com muitas entrâncias ventosas,
onde o ferro de Ares para os mortais terrenos
haverá quando o possuírem os homens da Cebrênia.

Naquele tempo os cimeus se preparavam para colonizar a Cebrênia próxima ao Ida, e lá se produzia muito ferro.

21] Homero levantou-se dali e pôs-se a caminho guiado pelo som de cabras que pastavam. Quando os cães latiram para ele, gritou. Então Glauco, quando escutou sua voz (pois era esse o nome de quem pastoreava as cabras), avançou rapidamente, chamou de volta os cachorros e afugentou-os para longe de Homero. Por muito tempo ficou surpreso como um cego, estando sozinho, alcançou aqueles lugares, e com o que pretendia. Dirigiu-se a ele e perguntou quem era, de que modo alcançou aqueles lugares inhabitados e sem trilhas e o que queria. Homero contou-lhe tudo que lhe acontecera, causando-lhe pena, pois, como parece, Glauco não era insensível. Pegou-o, conduziu até sua quinta e, depois de acender o fogo, Glauco preparou uma refeição, colocou-a na frente dele e pediu-lhe que jantasse. 22] Quando os cães, como costumavam fazer, se postaram e latiram para eles, que jantavam, Homero proferiu para Glauco os seguintes versos (Epígrama 11):

Glauco guardador de rebanho, uma palavra porei em teu juízo:
primeiro aos cães dá comida nos portões do pátio,
pois assim é melhor. Pois esse escuta por primeiro
o homem que se aproxima e a fera que adentra o cercado.

Glauco ouviu isso, gostou do conselho e ficou admirado com o homem. Após o jantar, entretiveram-se conversando. Quando Homero contou suas andanças e as cidades que visitara, Glauco ficou impressionado ao ouvir. E só quando chegou a hora de dormir parou.

23] No dia seguinte, Glauco pretendeu ir a seu senhor informá-lo acerca de Homero. Confiou a um companheiro escravo o pastoreio das cabras e deixou Homero dentro da casa, dizendo-lhe que rapidamente retornaria. Desceu então até Bolissos, que é perto daquele lugar, e, após encontrar seu senhor, relatou toda a verdade acerca de Homero, o seu assombro com o modo de sua chegada, e perguntou-lhe o que deveria fazer acerca dele. Mas o senhor pouco aceitou do relato, condenando Glauco por ser tolo ao receber inválidos e cuidar deles. Mandou, ainda assim, que trouxesse o estrangeiro até ele.

24] Ao retornar até Homero, Glauco contou-lhe isso e mandou-o ir, pois ele se daria bem. E Homero quis ir. Então Glauco pegou-o e conduziu a seu senhor. O quioense, em razão da conversa com Homero, viu que ele era hábil e experiente em muitas coisas. Então o fez permanecer ali e educar seus filhos, pois as crianças já estavam na idade. Colocou-os então junto dele para que os educasse, e ele realizou isso. E os *Cércopes*, a *Batraquiomquia*, a *Psaromaquia*, a *Heptapáctica*, as *Epicíclides* e todos os outros poemas jocosos de Homero, ele os compôs lá na casa do quioense em Bolissos, de forma que agora também se tornou famoso por sua poesia nessa cidade. E Testorides, tão logo ouviu que ele estava lá, partiu, navegando de Quios.

25] Tempo depois, após pedir ao quioense que o levasse a Quios, chegou à cidade. Abriu uma escola e começou a ensinar seus poemas às crianças. Ele pareceu ser muito hábil para os quioenses, e impressionou muitos. Depois de angariar suficiente cabedal, casou com uma mulher que deu a ele duas filhas. Delas, uma morreu sem se casar, e a outra deu em casamento a um homem de Quios.

26] Assim que se pôs a fazer a poesia, mostrou gratidão primeiro a Mentor, o itacense, na *Odisseia*, porque tratara de forma tão zelosa de seus olhos em Ítaca, e encaixou o nome dele no poema, declarando ser ele um dos companheiros de Odisseu, e compôs que, ao partir para Troia, Odisseu confiou sua propriedade a Mentor por ser o mais nobre e justo habitante de Ítaca. Em muitas outras passagens do poema também o honrou, fazendo Atena assemelhar-se a Mentor quando se punha a conversar com alguém. Também retribuiu, na *Odisseia*, a Fêmio, seu professor, pela sua criação e educação, em especial nestes versos (*Odisseia* 1, 153-155):

O mensageiro colocou a belíssima cítara nas mãos
de Fêmio, o qual em muito superava a todos no canto.
E ele, harpejando, pôs-se a cantar belamente.

E lembrou também do capitão, com quem navegou por todo lugar e viu muitas cidades e países, cujo nome era Mentes por meio destes versos (*Odisseia* 1, 180-181):

Mentes, filho do atilado Anquíalo, declaro
ser, e governo os táfios que amam o remo.

Retribuiu o favor também a Tíquio, o coureiro, que o recebeu em Fortaleza Nova quando foi a sua oficina, fixando-o nesses versos na *Ilíada* 7, 219-221):

Ajax aproximou-se, levando um escudo, qual uma torre,
o de bronze com sete couros, que Tíquio com labor lhe fez,
o melhor dos coureiros, que vivia em Hile.

27] {Por conta de sua poesia, Homero era famoso na Jônia e relatos sobre ele já chegavam à Hélade.} Vivendo em Quios e famoso por sua poesia, muitos iam até ele. Os que se encontravam com ele sugeriam que fosse para a Hélade. Ele aceitou o argumento e desejou muito viajar. 28] Percebendo que compusera muitas passagens com elogios sobre Argos mas não sobre Atenas, inseriu no seu poema, a *Ilíada Maior*, exaltando Erecteu no “Catálogo das naus”, os seguintes versos (*Ilíada* 2, 547-548):

O povo do magnânimo Erecteu, a quem um dia
Atena, filha de Zeus, nutriu e a terra fértil pariu.

E ao general deles, Menesteu, elogiou-o como sendo o melhor dentre todos na organização da infantaria e da cavalaria, dizendo os seguintes versos (*Ilíada* 2, 552-554):

Por sua vez, a eles liderou o filho de Peteu, Menesteu.
Nunca um homem igual a ele surgiu na terra
no ordenar cavalos e varões guerreiros.

E Ajax, filho de Télamon, e os salamínios dispôs junto aos atenienses no “Catálogo das naus”, dizendo o seguinte (*Ilíada* 2, 557-558):

Ajax de Salamina conduzia doze naus,
e, levando-as, pôs onde estavam as tropas atenienses.

Na *Odisseia* ele compôs isto, como Atena, depois de ter um diálogo com Odisseu, chegou à cidade dos atenienses,

honrando aquela mais que as outras cidades (*Odisseia* 7, 80-81):

Alcançou Maratona e Atena de amplas vias,
e entrou na sólida casa de Erecteu.

29] Após incluir esses versos na sua poesia e de se preparar, desejando viajar para a Hélade, alcançou Samos. Por acaso as pessoas de lá, nessa preciosa época, festejavam a Apatúria. Um samoense, que assistira a Homero previamente em Quios, o viu chegar e foi contar aos homens de sua fratria, elogiando-o fartamente. Os homens pediram-lhe que o trouxesse, e ele, ao encontrar Homero, disse: “Estrangeiro, a Apatúria acontece na cidade e os homens da minha fratria o convidam a celebrar com eles”. Homero disse que o faria, e foi com quem o chamou. 30] No caminho, achegou-se de mulheres que ofereciam sacrifícios a Curotros (“Nutre-jovem”) em uma encruzilhada. A sacerdotisa disse-lhe, incomodada aovê-lo: “Homem, afasta-te do sacrifício”. Homero lançou no ânimo o que lhe foi dito e perguntou a seu guia quem falara e a que deus se fazia sacrifícios. Ele explicou-lhe que era uma mulher sacrificando a Curotros. Ouvindo isso, ele proferiu os seguintes versos (Epígrama 12):

Escuta minha prece, Curotros, e concede que esta mulher
rejeite o amor e o leito dos jovens
e que venha a deleitar-se com velhos de cabelo grisalho
cujo vigor embotou, mas cujo ânimo segue insistindo.

31] Quando chegou na reunião da fratria e ficou na entrada da casa onde estavam ceando, alguns dizem que o fogo luzia dentro da casa, enquanto outros afirmam que eles só o acenderam quando Homero disse estes versos (Epígrama 13):

A coroa de um homem são seus filhos, da cidade, suas torres;
cavalos, a joia da planície, naus, dos mares;
posses fazem crescer a casa; e reis majestosos,
sentados, na ágora, uma joia ao povo que os fita:
quando o fogo crepita, a casa é a visão mais majestosa.

Após entrar e reclinar-se, ceou com os membros da fratria, e eles o honraram e admiraram.

E lá Homero passou a noite. 32] No dia seguinte, quando partiu, foi chamado por alguns ceramistas, que o viram enquanto assavam peças delicadas no forno. Eles tinham ouvido que ele era sábio, e pediram que cantasse para eles, dizendo que dariam a ele alguma cerâmica e qualquer outra coisa que tivessem. Homero canta-lhes esta composição, chamada “O forno” (Epígrama 14):

Se vós me pagardes pelo canto, ceramistas,
vem cá, Atena, e mantém a mão sobre o forno.
Que bem enegreçam as taças e todos os pratos,
que assem bem e alcancem o preço que merecem,
muitos sendo vendidos na ágora, muitos, nas ruas,
dêem muito lucro e beneficiem a mim assim como a eles.
Caso vos volteis para a ignomínia e armardes mentiras,
invocarei então os destruidores de fornos,
Despedaçador bem como Quebrador, Torrador, Estilhaçador
e Subcozidor, que muitos males traz a essa técnica.
Conquistai a fornalha e as casas, e todo o forno
esteja em total desordem, os ceramistas alto lamentando.
Tal como a mandíbula do cavalo mastiga, mastigue o forno,
fazendo toda a cerâmica dentro dele em pedacinhos.
Que venha também a filha do Sol, Circe de muitas poções:
lance venenos selvagens, e prejudique a eles e sua produção.
E que para cá também Quíron conduza muitos centauros,
os que escaparam das mãos de Héracles e os que pereceram:
que cruelmente destruam essas peças, tombe o forno
e eles, se lamentando, vejam a produção imprestável
Eu rejubilarei, vendo sua técnica desventurada.
E quem espiar por cima, que seu rosto todo se chamusque,
para que todos saibam fazer o que é apropriado.

33] Passando o inverno em Samos, procurava na lua nova as casas mais abastadas e ganhava alguma coisa cantando estes versos, os quais são chamados de *Eiresione*;⁴ sempre algumas das crianças da região estavam com ele e o guiavam (Epígrama 15):

Nós nos dirigimos à casa de um homem muito rico,
o qual muito pode, muito ruge, sempre afortunado.
Abri-vos sozinhas, portas, pois Riqueza entrará

4. West assinala que o termo se refere a um ritual de outono; trata-se de um galho com frutas e bolos que meninos traziam para as casas em Atenas e provavelmente em outros lugares da Grécia.

5. Na sequência, como nota West, a referência é ao pedido das crianças durante a procissão.

aos montes e, com Riqueza, também o florescente Gáudio
e a nobre Paz. Que todos os jarros estejam cheios,
e a massa de pão transborde na vasilha de fermentar.
Agora refeição de cevada polvilhada com gergelim

...

A mulher de vosso filho irá até vós num carro,
mulas de cascós rijos a trarão a esta casa,
e que ela teça no tear de pé sobre âmbar.
Voltarei, todo ano voltarei qual andorinha:⁵
estou no vestíbulo, pés nus. Vamos, traz algo rápido.
Por Apolo, mulher, dê-nos algo.
Se deres algo, bom; caso contrário, não ficaremos,
pois não viemos aqui para morar contigo.

Esses versos por muito tempo foram cantados em Samos quando se reuniam no festival de Apolo.

34] Chegando a primavera, Homero seguiu viagem de Samos a Atenas. Após zarpar com alguns locais, foi redireccionado para Ios. Não aportaram na cidade, mas na costa. Sucedeu que Homero, ao navegar para lá, começou a adoecer. Depois que desembarcou do navio, enfraquecido, dormiu na praia. Por muitos dias permaneceram ancorados por causa do mau tempo, e sempre alguns habitantes da cidade desciam para passar o tempo com Homero e, ao ouvi-lo, ficavam impressionados.

35] Quando os marinheiros e também alguns habitantes da cidade estavam sentados com Homero, navegaram para lá alguns pescadores meninos, que, desembarcando do bote, foram até eles e disseram o seguinte: “Pois bem, estrangeiros, escutai- nos e vide se sois capazes de discernir o que vos diremos”. E alguém dos presentes pediu-lhes que falassem, e eles disseram: “Aquilo que pegamos, nós deixamos para trás; o que não pegamos, estamos carregando”. Uns dizem que falaram em verso:

O que pegamos, deixamos p'ra trás; o que não pegamos, levamos.

Como os presentes não foram capazes de entender o que foi dito, os meninos explicaram que não conseguiram pegar nada em sua pesca, mas, sentados no chão, cataram piolho, e, os piolhos que pegaram, deixaram lá, e o que não

pegaram, estavam levando para casa. E Homero, após ouvir isso, disse as seguintes palavras (Epígrama 16):

Pois nascestes do sangue de tais pais,
que não tinham muita terra nem apascentavam rebanhos sem conta.

36] Devido a essa doença, ocorreu que Homero morreu em Ios, não por não ter entendido o que disseram os meninos, como pensam alguns, mas por causa de sua fraqueza. Tendo morrido, foi enterrado em Ios, lá mesmo na costa, pelos seus companheiros marinheiros e pelos cidadãos que com ele conversaram. E os habitantes de Ios inscreveram esta elegia muito tempo depois, quando sua poesia já se espalhara no exterior e era admirada por todos; não é de Homero:

Aqui a terra recobriu a sacra cabeça,
ornador de varões guerreiros, o divino Homero.

37] Que Homero era um eólio e não jônio nem dório, isso é claro pelo que falei acima, para mim, e, além disso, dá testemunho do seguinte modo. É verossímil que, quando um homem que é um poeta de tal qualidade compõe costumes humanos na sua poesia, ou bem compõe os melhores que encontrou ou bem os que são de sua pátria. Pois de agora em diante vós mesmos julgareis ao ouvir seus versos. Ao compor um sacrifício ritual, ou bem buscou a melhor forma ou bem a que pertencia a sua própria pátria. Diz assim (*Ilíada* 1, 459-461):

Primeiro puxaram cabeças p'ra trás, degolaram e esfolaram,
deceparam as coxas e cobriram-nas de gordura,
camada dupla, e sobre elas puseram peças cruas.

Sobre o lombo, nada se diz sobre como são usados nos sacrifícios. Pois a raça eólica é a única entre os helenos que não assam o lombo. Também evidencia nestes versos que, por ser um eólio, usa com correção seus costumes (*Ilíada* 1, 462-463):

O ancião as assava sobre a lenha e nelas faiscante vinho
aspergia; perto, jovens com garfos de cinco pontas nas mãos.

Pois só os eólios assam as vísceras sobre garfos com
cinco pontas; os demais helenos usam os com três. E só os
eólios usam *pempe* para “cinco” ao invés de *pente*.

38] Portanto, apresentei os dados sobre sua origem,
morte e vida. Quanto à datação de Homero, a partir das
seguintes observações alguém poderia calcular com precisão
e correção. A partir da expedição a Ílion, que Agamêmnon
e Menelau reuniram, passaram-se cento e trinta anos até a
colonização de Lesbos com cidades, pois antes era desprovida
delas. Vinte anos depois da colonização de Lesbos, fundou-
se Cime, conhecida como eólica ou fricônia. Dezoito anos
depois de Cime, Esmirna foi fundada pelos címeus, e nisso
Homero nasceu. Do nascimento de Homero são seiscentos
e vinte e dois anos até a travessia de Xerxes, que realizou na
sua expedição contra os helenos ao jungir o Helesponto e
cruzar da Ásia para a Europa. Depois disso, para quem desejar
investigar, é fácil calcular o tempo a partir dos arcontes dos
atenienses. E o nascimento de Homero foi posterior à guerra
de Troia em cento e sessenta e oito anos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASSINO, P. Lesches and the contest between Homer and Hesiodmore. *Kyklos@Classics@* v. 1., 2012. Lido em <http://chs.harvard.edu/wa/pageR?tn=ArticleWrapper&bdc=12&mn=5189> (07/11/2013)

_____. *Certamen Homeri et Hesiodi: Introduction, critical edition and commentary*. Durham theses: Durham University, 2013. Lido em <http://etheses.dur.ac.uk/8448/> (07/11/2013)

CINGANO, E. The Hesiodic corpus. In: MONTANARI, F.; RENGAKOS, A.; TSAGALIS, C. (Org.) *Brill's companion to Hesiod*. Leiden/Boston: Brill, 2009, p. 91-130.

FAULKNER, A. (Org.) The collection of Homeric Hymns: from the seventh to the third centuries BC. In: -. (Org.) *The Homeric Hymns: interpretative essays*. Oxford; New York: Oxford University Press, 2011, p. 175-205.

FINKELBERG, M. (Org.) *The Homer encyclopedia*. 3 vol. Malden: Wiley-Blackwell, 2011.

GOETHE, J. W. *Werke (Berliner Ausgabe)*. 22 vols. Berlin: Aufbau-Verlag, 1965-1978.

GRAZIOSI, B. Competition in wisdom. In: BUDELMANN, F.; MICHELAKIS, P. (org.) *Homer, tragedy and beyond: essays in honour of P. E. Easterling*. London: Society for the Promotion of Hellenic Studies, 2001.

_____. *Inventing Homer: the early reception of epic*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HUNTER, R.; RUTHERFORD, I. (Org.) *Wandering poets in ancient Greek culture: travel, locality and pan-hellenism*. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 2009.

KELLY, A. Biographies of Homer. In: FINKELBERG, M. (Org.) *The Homer encyclopedia*. 3 vol. Malden: Wiley-Blackwell, 2011, vol. 1, p. 129-30.

KONING, H. *Hesiod: The other poet. Ancient reception of a cultural icon*. Leiden: Brill, 2010.

KURKE, L. *Aesopic conversations: popular tradition, cultural and the invention of Greek prose*. Princeton: Princeton University Press, 2011.

LOURENÇO, F. *Homero: Odisseia*. São Paulo: Penguin/Companhia das Letras, 2011.

NAGY, G. *Homer the preclassic*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 2010.

PORTER, J. I. Wolf, Friedrich August. In: FINKELBERG, M. (Org.) *The Homer encyclopedia*. 3 vol. Malden: Wiley-Blackwell, 2011, vol. 3, p. 936-939.

RICHARDSON, N. J. *Three Homeric hymns: to Apollo, Hermes, and Aphrodite*. Introdução, edição e comentário. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

TORRANO, J. A. A. O certame Homero-Hesíodo (texto integral). *Letras clássicas* IX, p. 215-24, 2009.

WERNER, C. *Hesíodo: Trabalhos e dias*. São Paulo: Hedra, 2013.

WEST, M. L. The invention of Homer. *Classical Quarterly* XLIX, p. 364-82, 1999.

_____. *Homeric hymns, Homeric apokrypha, lives of Homer*. Edição, tradução e introdução. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2003.

Enviado em janeiro de 2014
Aprovado em abril de 2014.